



EFEITOS DE (HIPER)LEITURA: A (RE)CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO DISCURSO ELETRÔNICO

Ludmila Ferrarezi¹
Lucília Maria Sousa Romão²

Palavras iniciais: alinhavando um dizer sobre a leitura

Diante dos avanços tecnológicos, que surgem em intervalos de tempo cada vez menores, da comunicação instantânea e dos arquivos digitais, imbricados em um ciberespaço labiríntico que suscita mudanças nas relações com o conhecimento, o sujeito e a materialidade discursiva (DIAS, 2005), destacamos o desejo e a importância de empreendermos uma pesquisa que busque investigar tais transformações, refletir sobre o sujeito, a rede, a leitura e a produção de sentidos, de uma maneira mais crítica, que não leve em conta apenas as questões técnicas, ligadas à materialidade do arquivo, mas a sua dimensão político-ideológica. Para tanto, iremos analisar discursivamente alguns recortes, dispostos no *blog* de uma biblioteca comunitária, que nos trazem sentidos sobre a leitura e nos permitem investigar, como eles são constituídos em espaços sociais alternativos e no ciberespaço.

Tramas do discurso, costuras da memória: sujeitos e sentidos em movimento

A teoria do discurso, que mobilizaremos em nossas análises, foi articulada, nos anos 1960, pelo grupo de pesquisadores liderado por Michel Pêcheux, a partir de reflexões ancoradas principalmente em três campos do conhecimento: a Lingüística, o Marxismo e a Psicanálise. Nesse lugar de entremeio, que podemos ocupar quando assumimos a posição de analistas do discurso, somos levadas a duvidar da transparência da linguagem, a perscrutar as “mil faces” de uma palavra (ANDRADE, 1984), que são silenciadas pelo mecanismo ideológico de naturalização dos sentidos quando, em determinado contexto sócio-histórico, um deles nos parece evidente, o único possível em sua aparente “face neutra”. Sob essa evidência do sentido único apaga-se o caráter material dos sentidos, a historicidade que os sustenta e que se refere ao modo como a história se inscreve no discurso, indicando-nos que o sentido é dado ideologicamente em relação à exterioridade, às posições que o sujeito ocupa para interpretar e construir seu discurso que, segundo Orlandi (2010), é sempre aberto em suas relações de sentido, estando sujeito a deslocamentos e, ao mesmo tempo, a repetições, no jogo entre a estrutura e o acontecimento (PÊCHEUX, 2002).

Posto isto, podemos considerar que o discurso é “um verdadeiro nó, lugar teórico onde se intrincam questões sobre a língua, a história, o sujeito” (MALDIDIER, 2003, p.15), que são

¹ Doutoranda e Mestre em Ciências, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). Bolsista de doutorado da FAPESP.

² Livre-docente em Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. (FFCLRP/USP). Professora do curso Ciências da Informação e da Documentação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP/USP.



atravessados pela contradição, incompletude e ambigüidade, trazendo à luz a provisoriidade que marca todo discurso e que parece se amplificar na fluida materialidade digital. Afastando-se da noção de transmissão de informação, o discurso pode ser compreendido como efeito de sentidos, que se constitui de acordo com a sua remissão a uma determinada formação discursiva, tida como a matriz dos sentidos que, por sua vez, representa uma formação ideológica, um “conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais mas se reportam, mais ou menos diretamente, às posições de classe em conflito umas com as outras”. (HAROCHE et al., 1971 apud ORLANDI, 2003a, p.27). Deste modo, Pêcheux (1997), ao reformular o conceito de formação discursiva proposto inicialmente por Michel Foucault, concebe-o de maneira singular, relacionando-o a uma regionalização do interdiscurso, que é o conjunto de todos os dizeres já falados e filiados a uma formação discursiva. Chegamos, assim, ao importante conceito de memória discursiva, que é tida como o “saber discursivo que torna possível todo o dizer” (ORLANDI, 2003b, p.31), mostrando-nos que um discurso se apóia sempre em outros que o antecederam e que são “esquecidos” (inconscientemente) pelos sujeitos no momento da enunciação.

Ancoradas na teoria pecheutiana, sustentamos uma concepção de sujeito que não se refere ao modelo cartesiano, ao indivíduo empírico, ser racional que é o dono e a origem de seus dizeres. Referimo-nos, aqui, ao sujeito do discurso que, assim como ele, não pode ser visto como transparente, e nem como o “senhor da língua” (FERREIRA, 2003). Para Pêcheux (2011b, p.156), “isto supõe que o sujeito deixe de ser considerado como o eu-consciência mestre do sentido e seja reconhecido como assujeitado ao discurso: da noção da subjetividade ou intersubjetividade passamos assim a de assujeitamento. O efeito sujeito aparece então como o resultado do processo de assujeitamento e, em particular, do assujeitamento discursivo”. Sendo assim, o sujeito encontra-se dividido entre o consciente e o inconsciente, o qual se revela nos seus “tropeços” com a língua, à qual, contraditoriamente, se submete para ser sujeito daquilo que diz. Em outras palavras, podemos dizer que, através do processo ideológico de assujeitamento, o indivíduo é interpelado em sujeito, sendo levado a ocupar uma determinada posição discursiva, com a qual se identifica, e enunciar a partir dela. Esse processo de interpelação se realiza, segundo Pêcheux (1997, p.62), pelo complexo de formações ideológicas que “fornece ‘a cada sujeito’ sua ‘realidade’ enquanto sistema de evidências e de significações percebidas-aceitas-experimentadas”. Isso é possível porque o sujeito se “esquece” de que não é o dono dos seus dizeres e de que os mesmos podem ser enunciados de outras maneiras; tais esquecimentos foram cunhados por Pêcheux (1997), que os nomeou, respectivamente, como esquecimento de número um (da ordem do inconsciente) e dois (da ordem da enunciação), ambos considerados estruturantes do discurso. Posto isto, passemos agora para algumas considerações sobre o funcionamento do discurso na Internet.

Entre os nós da Rede: a tecelagem de sentidos

Consideramos que esse (ciber)espaço móvel e articulado pelas redes da Internet é marcado pela velocidade de acesso a discursos que circulam pela sua topologia associativa, entre nós e links, que viabilizam outras formas e possibilidades de constituir sentidos que, para o sujeito-navegador,



parecem ser infinitas, travestidas pela ilusão de tudo poder dizer, acessar e controlar, a qual foi flagrada por Pêcheux (1997), em suas considerações sobre os dois esquecimentos já abordadas na seção anterior. Temos, então, como nos conta Chartier (2002, p.113), “uma revolução da técnica de produção dos textos, uma revolução do suporte do escrito e uma revolução das práticas de leitura”, que ocorrem simultaneamente. Assim sendo, nesse (ciber)espaço, a leitura/escrita são deslinearizadas e o sujeito percorre diferentes hipertextos, que se sobrepõem freneticamente, ansiando pelo próximo link, a próxima fala, (con)fundindo-se com outros sujeitos, nunca fixando seus olhos, tampouco uma identidade, pois “no ciberespaço, o sujeito é indeterminado, artigo indefinido, e se constitui na própria velocidade do acontecimento” (DIAS, 2008, p.38).

Posto isto, é relevante destacar como concebemos o ciberespaço, essa “galáxia de conexões acentradas, topológicas” (PARENTE, 1999, p.81) que, para nós, é um espaço discursivo heterogêneo, que permite a emergência de uma multiplicidade de vozes e (des)caminhos que se revelam a cada instante, para o sujeito que navega sem rumo pelos infomares, pois, conforme nos aponta Araújo (2005, p.197), “apesar da hiper-rede seguir um sistema programado que, segundo Baudrillard, só simula criatividade, há inúmeras possibilidades de traçados descontínuos que podem levar a um mesmo ponto ou podem descortinar outras alternativas”.

Assim sendo, inferimos que, ainda que a maioria da população não tenha acesso às tecnologias de informação e comunicação, a Internet, para os que conseguem velejar nesse infomar, pode ser um espaço favorável à construção e circulação de sentidos mais plurais e aos atos de linguagem de sujeitos historicamente silenciados, outrora excluídos de espaços, como os midiáticos, em que sua voz não podia/pode ecoar. Atrevemo-nos a asseverar que, com o avanço da Internet, instala-se um furo nessa impossibilidade de dizer do sujeito, pois, no meio digital, “cada um de nós pode ser o editor, o produtor, o difusor de suas próprias mensagens, em contraste com o sistema concentrador das mídias de massa, segundo o qual uns produzem e outros recebem passivamente”. (PARENTE, 1999, p.77).

Como exemplo de um espaço discursivo de resistência, que fissa esse silenciamento do sujeito, podemos citar o objeto para o qual direcionamos nosso olhar neste trabalho, a saber, os *weblogs* de bibliotecas movimentadas por sujeitos que, inseridos em comunidades carentes de espaços dedicados ao ato de ler, se valeram da Internet para fazerem ecoar suas vozes, bradando em uníssono, no caso da postagem aqui analisada, um pedido de ajuda, sentidos de indignação contra a desvalorização e interdição da leitura e dos espaços em que ela é praticada, à medida que enunciavam sobre a sua importância. A seguir, poderemos observar como tais sentidos foram constituídos nas tramas do *blog*.

Fios de sentido sobre a leitura: discursos enredados em um *blog*

Ao perscrutarmos a (re)produção de alguns discursos sobre a leitura, materializados na Internet, buscamos ampliar a nossa compreensão sobre como se dão os movimentos de sujeitos e sentidos por entre os arquivos digitais, afastando-nos, para tanto, de uma perspectiva exclusivamente



técnica, que embasa, na maioria das vezes, as formulações sobre o tema. Assim, valendo-nos de alguns conceitos (re)elaborados pelo filósofo Michel Pêcheux que, segundo Zandweis (2009, p.23), delineou as bases de uma “disciplina antipositivista e antiformalista de linguagem”, analisaremos os recortes³ de uma postagem do *blog* da Rede de Bibliotecas Comunitárias da Região Metropolitana do Recife, publicada no dia 6 de agosto de 2011⁴.

A indagação presente no título da postagem “*Mais uma igreja?*” evoca sentidos de indignação, estabelecendo uma relação de sinonímia pela qual mais igrejas significariam menos bibliotecas, em outras palavras, tais espaços dedicados à leitura estão sendo substituídos por templos. Assim, observamos como a marca lingüística “*mais*” remete aos sentidos de excesso, que, na pluralidade dos jogos de linguagem, inscrevem uma falta, qual seja, de “*mais essa bela biblioteca comunitária*”, indiciando que tal ausência é rotineira e reveladora do descaso conferido amiúde à leitura e às bibliotecas. A exterioridade constitutiva desses dizeres é marcada por relações desiguais de (des)poder e acesso à leitura, fazendo retornar, pela memória discursiva, os sentidos de exclusão e interdição que historicamente lhe foram atribuídos, negando-se, assim, o acesso a um saber valorizado pela formação discursiva em que se inscrevem os dizeres do *blog*, qual seja, aquele referente aos “*livros*”, à “*cultura*”, “*literatura universal*” e à “*leitura literária*”, ferindo, nessa trama de impossíveis, os princípios da almejada sociedade democrática (“*querem acabar com os sonhos de um espaço democrático*”). Temos, assim, em relação à biblioteca e às atividades nela desempenhadas, a circulação dos sentidos socialmente valorizados de democracia, justiça, união, liberdade e acessibilidade, que conferem a esse espaço relevância, tomando-o como um símbolo de esperança de crescimento e um futuro melhor para toda uma comunidade, como podemos observar nos seguintes recortes:

Um local onde **crianças, jovens e toda a comunidade podem ter acesso** aos livros e à leitura literária, **ampliando os horizontes** dos frequentadores de um **espaço tão importante** para o **futuro da comunidade** que trouxe uma **perspectiva diferente, mais criativa e justa de futuro**, um recanto de belas histórias, de **realização de sonhos, de inventividade libertária**, fortalecendo almas através do **acesso** a cultura e a literatura universal

[...] belas histórias escritas com os moradores para uma **comunidade melhor para todos**, principalmente para as crianças e os jovens.

Posto isto, inferimos que o discurso sobre essas práticas e espaços de leitura manifesta-se, no corpus analisado, através de uma relação maniqueísta, pela qual esses sentidos de valorização da leitura e das bibliotecas- que mais parecem um ícone do paraíso, onde sonhos poderiam se realizar, evocando sentidos para a leitura bem diferentes daqueles que circulam geralmente nas escolas e outros espaços em que prevalecem os discursos autoritários (ORLANDI, 2003a)- contrapõem-se a um campo semântico em que circulam sentidos pejorativos que evocam a ambição, coerção e exploração que sustentariam a aniquilação dessas fecundas práticas de leitura, desse “*recanto de*

³ Mantivemos nos recortes a grafia original

⁴ Disponível em: <<http://rededebibliotecascomunitarias.wordpress.com/2011/08/06/mais-uma-igreja/>>. Acesso em: 30 ago. 2011



belas histórias”, que foi construído a despeito das várias dificuldades enfrentadas ao longo do tempo e flagradas na repetição do termo “*anos de luta*”. Vejamos alguns recortes em que tais sentidos aparecem:

Algumas pessoas não suportam ver pessoas realizando sonhos, construindo futuro melhor, felizes e vitoriosos, a **ganância** quer sempre **gritar mais algo**, ocupar todos os espaços, e **esmagar** jardins floridos, **mostrando as suas garras**.

Interesses **egoístas** querem transformar mais essa bela Biblioteca Comunitária em uma igreja evangélica, um dos diretores do espaço está **pressionado e coagindo** o coordenador da biblioteca a sair do local para que ele possa **tirar proveito**.

Observamos que é na rejeição a esses sentidos que se constituem os de convocação à ação, de denúncia dessa situação desfavorável à leitura, conclamando os sujeitos-leitores do *blog* a um novo movimento de luta, agora em prol da permanência e não mais da criação do espaço de leitura, o que pode ser observado na repetição de verbos no imperativo: “*escrevam em seus blogs*”, “*avisem seus amigos*”, “*mandem email para os jornais*”, “*mobilizem suas redes sociais*”, “*sejamos firmes e fortes*”, “*entrem lá e se juntem nessa corrente*”, que reforçam os sentidos de elo e enredamento de sentidos e sujeitos na Internet, do poder atribuído aos *blogs* e outros meios de comunicação. Assim sendo, os *blogs* são discursivizados, aqui, como privilegiados espaços de denúncia e militância, dotados da ilusória capacidade de alcançar e convocar a “*todos*” para ajudarem e fazerem parte dessa comunidade, dessa rede de biblioteca, leituras e sujeitos, tão importante e, ao mesmo tempo, tão menosprezada, frágil, ameaçada.

Como um espaço marcado pela heterogeneidade- que se configura como um novelo de vozes imbricadas, que faz ecoar sentidos alinhados ou não à formação discursiva que sustenta a produção de cada discurso, cada postagem-, o *blog* é caracterizado pela possibilidade dos sujeitos-leitores adentrarem esse espaço de constituição de sentidos, assumindo a posição de co-autores de um discurso outro que jamais se estabiliza. Isso indicia a existência de outras formas de produção e circulação de sentidos, como aponta Orlandi (2010, p.8):

O modo de circulação dos sentidos no discurso eletrônico nos faz pensar que, pela sua especificidade, produz conseqüências sobre a função-autor e o efeito-leitor que ele produz. E estas conseqüências estão diretamente ligadas à natureza da memória a que estes sentidos se filiam. E, certamente, à materialidade significativa de seus meios.

Sendo assim, na materialidade da Rede, vemos serem disponibilizadas uma série de ferramentas que garantem ao sujeito a possibilidade dele assumir, nesse (ciber)espaço discursivo, um outro lugar, o de escritor (OLIVEIRA, 2006). Dentre tais ferramentas, citamos a que permite o acréscimo de comentários nos *blogs* que, no caso da postagem analisada, foram três, sendo um deles do próprio sujeito-*blogger*. Neles, observamos sentidos de conformidade, que vão ao encontro daqueles enunciados pelo sujeito-autor do *blog*, engrossando o coro dos que se indignam ou mesmo se entristecem (“*muito triste saber [...]*”) com o descaso pela leitura e a manutenção dos espaços em que ela se realiza, esperando por justiça. Cria-se, assim, uma rede de sujeitos e discursos



imbricados, que vai além daquela formada pelas bibliotecas comunitárias do Recife, já que outros indivíduos, que ocupam diferentes espaços físicos, podem, enquanto sujeitos constituídos ideologicamente, se encontrar e enunciar nesse (ciber)espaço do *blog*, assumindo, para tanto, diferentes posições-sujeito; temos, assim, com as mudanças na percepção de tempo e espaço (PARENTE, 1999), a ilusão de uma comunidade internacional que se configura, segundo Orlandi (2011, p.6), “na utilização do poder da mídia e da comunicação, filiando-se a redes planetárias graças à utilização da internet e impõem a visão nova de um mundo interdependente”, supostamente sem fronteiras e do qual todos poderiam participar.

Assim, em um contexto sócio-histórico marcado pela primazia da coletividade (ORLANDI, 2011), flagramos novas formas de criação de comunidade de leitores, de produção e circulação de sentidos sobre a leitura e de mobilização e apoio social contra o que é considerado, aqui, um crime-*“furtar o direito a informação e os sonhos das crianças desta comunidade”*-, que deve ser combatido, como indicia mais uma vez a repetição do significante *“luta”*, no seguinte comentário: *“boa sorte nessa luta para manter esse espaço”*, fazendo significar um desejo de práticas de leitura mais polissêmicas, que impliquem movimento, *“a troca de conhecimento”*, livre das amarras tantas vezes impostas nos/pelos “universos discursivos logicamente estabilizados” (PÊCHEUX, 2011a, 292), almejando-se, assim, uma leitura que *“liberta”*, em um espaço aberto aos sujeitos-leitores.

Por fim, consideramos que, nos recortes analisados, a leitura é discursivizada através de sentidos múltiplos, contraditórios de importância/descaso, acesso/interdição, presença/falta que evocam a pluralidade dos atos de linguagem, a instabilidade do discurso que ganha, nas redes da Internet, novas possibilidades de significação, novas cores e vozes, na bricolagem de sentidos justapostos, que atravessam a tela marcados pela incompletude os constituem.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1984.
- ARAÚJO, Denize Correa. Hipertrópole digital: a cibermídia como cidade rizomática. In: COMPÓS, 14, 2005, Niterói. *Anais...* Niterói: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, p. 191-205, 2005.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- DIAS, Cristiane. Arquivos digitais: da des-ordem narrativa à rede de sentidos. In: GUIMARÃES, Eduardo; PAULA, Mirian Rose Brum de. *Sentido e memória*. Campinas: Pontes, 2005. p.41-56.
- _____. *Da corpografia*. Santa Maria: UFSM, 2008.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Nas trilhas do discurso: a propósito de leitura, sentido e interpretação. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *A leitura e os leitores*. 2 ed. Campinas: Pontes, 2003.
- MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.



OLIVEIRA, Maria Regina Momesso de. Práticas de discurso e de leitura em *blogs* jornalísticos. *Coleção Mestrado em Linguística*, v.1, 2006. Disponível em: <<http://publicacoes.unifran.br/index.php/colecaoMestradoEmLinguistica/article/viewFile/387/314>>.

ORLANDI, Eni P. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2003a.

_____. *A leitura e os leitores*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003b.

_____. Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Orgs.). *Introdução às Ciências da Linguagem: discurso e textualidade*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2010. p. 10-31.

_____. Língua, comunidade e relações sociais no espaço digital. In: DIAS, Cristiane (Org.). *E-urbano: sentidos do espaço urbano/digital*. 2011. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/pdf/eurbano1.pdf>>. Acesso em: 2 ago.2011.

PARENTE, André. O hipertextual. *Famecos*, Porto Alegre, n.10, jun. 1999.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3.ed. Campinas: Pontes, 2002.

_____. Sobre os contextos epistemológicos da Análise do Discurso. In: ORLANDI, E. (Org.). *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, 2011a. p.283-294.

_____. Metáfora e interdiscurso. In: ORLANDI, E. (Org.). *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, 2011b. p. 275-282.

ZANDWAIS, Ana. *Perspectivas da análise do discurso fundada por Michel Pêcheux na França: uma retomada de percurso*. Santa Maria: UFSM, 2009.